

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Raymie Nightingale*

Autora: *Kate DiCamillo*

Texto © 2016 Kate DiCamillo

Edição portuguesa publicada por acordo com Walker Books Limited, London SE11 5HJ

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria Fraústo*

Revisão: *Paula Caetano/Editorial Presença*

Ilustração da capa © 2017 David Litchfield

Reproduzida sob autorização de Walker Books Ltd., London SE11 5HJ

[www.walker.co.uk](http://www.walker.co.uk)

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Depósito legal n.º 420 865/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

[info@presenca.pt](mailto:info@presenca.pt)

[www.presenca.pt](http://www.presenca.pt)

Aos meus *Rancheros*... obrigada.

## UM

Eram três, três raparigas.

Estavam de pé lado a lado.

Estavam em sentido.

Depois a rapariga de vestido cor-de-rosa, a que estava ao lado de Raymie, soltou um soluço e disse:

— Quanto mais penso no assunto, mais assustada fico, estou demasiado assustada para continuar!

A rapariga segurou o seu bastão junto ao peito e deixou-se cair de joelhos.

Raymie olhou-a com surpresa e admiração.

Também ela estava demasiado assustada para continuar, mas nunca o admitira em voz alta.

A rapariga de vestido cor-de-rosa gemeu e caiu para o lado.

Os seus olhos fechados tremiam. Estava em silêncio. Depois abriu muito os olhos e gritou:

— Archie, Desculpa! Desculpa por te ter traído!

Voltou a fechar os olhos. Ficou de boca aberta.

Raymie nunca tinha visto, nem ouvido, nada assim.

— Desculpa — sussurrou Raymie. — Por te ter traído.

Por um motivo qualquer, parecia que valia a pena repetir aquelas palavras.

— Para imediatamente com esse disparate — disse Ida Nee.

Ida Nee era a treinadora de malabarismos com bastão. Apesar de já ser velha — tinha mais de cinquenta anos, pelo menos — o seu cabelo loiro era extremamente brilhante. Usava botas brancas que lhe subiam pelas pernas acima até às coxas.

— Não estou a brincar — disse Ida Nee.

Raymie acreditou nela.

Ida Nee não parecia ser dada a brincadeiras.

O Sol já ia alto, muito alto no céu, e tudo fazia lembrar o meio-dia num filme de *cowboys*. Mas não era um filme de *cowboys*, eram os treinos de malabarismos com bastão em casa de Ida Nee, no jardim das traseiras de Ida Nee.

Estavam no verão de 1975.

Estavam no quinto dia de junho.

E dois dias antes, no terceiro dia de junho, o pai de Raymie Clarke fugira de casa com uma mulher que era higienista oral.

*Ana-ni ana-não, ficas tu e eu não.*

Eram estas as palavras que surgiam na mente de Raymie sempre que pensava no pai e na higienista oral.

Mas nunca mais disse aquelas palavras em voz alta porque a mãe de Raymie estava muito triste, e não seria apropriado falar de quem fica e de quem vai.

Na verdade, aquilo era uma grande desgraça.

Foi o que a mãe de Raymie disse.

— Isto é uma grande desgraça — disse a mãe de Raymie.

— Para de dizer essas lengalengas infantis.

Era uma desgraça porque o pai de Raymie perdera o respeito das pessoas.

E também era uma desgraça porque Raymie estava agora sem pai.

Esse pensamento — esse facto — de que ela, Raymie Clarke, estava sem pai, era um pequeno e perfurante tiro no coração de Raymie sempre que refletia sobre o assunto.

Às vezes, a dor no coração fazia-a sentir-se demasiado assustada para continuar. Às vezes fazia-a ter vontade de se deixar cair de joelhos.

Mas depois lembrava-se de que tinha um plano.

## DOIS

— Levanta-te — disse Ida Nee à rapariga de vestido cor-de-rosa.

— Ela desmaiou — disse a outra aprendiz de malabarismos com bastão, uma rapariga chamada Beverly Tapinski, cujo pai era polícia.

Raymie sabia o nome da rapariga e a profissão do pai porque Beverly tinha feito uma declaração no início das aulas. Olhando em frente, sem olhar para ninguém em especial, disse:

— Chamo-me Beverly Tapinski e o meu pai é polícia, por isso acho bem que não se metam comigo.

Pelo menos Raymie não tencionava meter-se com ela.

— Já vi muita gente desmaiar — disse Beverly. — É o que acontece quando se é filha de um polícia. Vemos de tudo. Vemos tudo.

— Cala-te, Tapinski — disse Ida Nee.

O Sol estava muito alto.

Não se mexia.

Parecia que alguém o colara no céu e se tinha ido embora, deixando-o lá em cima.

— Desculpa — sussurrou Raymie. — Por te ter traído. Beverly Tapinski ajoelhou-se e pôs uma mão de cada lado da cara da rapariga desmaiada.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Ida Nee.

Por cima delas, os pinheiros balançavam para a frente e para trás. O lago, o lago Clara — onde uma pessoa chamada Clara Wingtip se afogara cem anos antes — brilhava e cintilava.

O lago parecia zangado.

Talvez estivesse à espera de outra Clara Wingtip.

Raymie sentiu uma onda de desespero.

Não havia tempo a perder com desmaios. Tinha de aprender rapidamente a girar um bastão, porque se aprendesse a girar um bastão teria boas hipóteses de se tornar Pequena Miss Pneus Flórida Central.

E se ela se tornasse Pequena Miss Pneus Flórida Central, o pai veria a sua fotografia no jornal e voltaria para casa.

Era esse o plano de Raymie.

## TRÊS

Raymie imaginava que o seu plano entraria em ação quando o pai estivesse sentado num restaurante qualquer da cidade para onde fugira, fosse onde fosse. Estaria com Lee Ann Dickerson, a higienista oral. Estariam sentados lado a lado num banco corrido, o seu pai a fumar um cigarro e a beber um café, e Lee Ann a fazer uma coisa qualquer estúpida e inapropriada, talvez a limar as unhas (o que nunca se deve fazer em público). A certa altura, o pai de Raymie haveria de pôr o seu cigarro de lado, abrir o jornal, tossir e dizer «vamos lá ver o que há aqui para ver» e veria a fotografia de Raymie.

Veria a sua filha com uma coroa na cabeça, um ramo de flores nos braços e uma faixa ao peito a dizer PEQUENA MISS PNEUS FLÓRIDA CENTRAL 1975.

E o pai de Raymie, Jim Clarke da Seguradora Familiar Clarke, virar-se-ia para Lee Ann e diria: «Tenho de regressar imediatamente. Mudou tudo. Agora a minha filha é famosa. Foi coroada Pequena Miss Pneus Flórida Central.»

Lee Ann iria parar de limar as unhas. Daria um grande suspiro de surpresa e desânimo (e também, talvez, de inveja e admiração).

Era isto que Raymie imaginava que iria acontecer.

Provavelmente. Talvez. Oxalá.

Mas primeiro teria de aprender a girar um bastão.

Foi o que lhe disse a senhora Sylvester.

Querido Leitor,

Aqui ficam alguns factos:

Cresci numa pequena cidade na Flórida Central.

Entrei no concurso Pequena Miss Flor de Laranjeira.

Não ganhei.

O meu pai saiu de casa quando eu era muito nova.

Tive saudades dele; tentei arranjar formas de o fazer voltar.

Não sei cantar.

Não sou corajosa.

Tentei fazer boas ações e muitas vezes essas boas ações não eram boas.

Preocupava-me com a minha alma.

Tive aulas de malabarismo com bastão.

Fiz boas amigas.

Essas amigas ficaram comigo, ao meu lado, junto de mim.

Ajudaram-me a perceber que o mundo é lindo.

A história de Raymie foi totalmente inventada.

A história de Raymie é a história verdadeira do meu coração.

